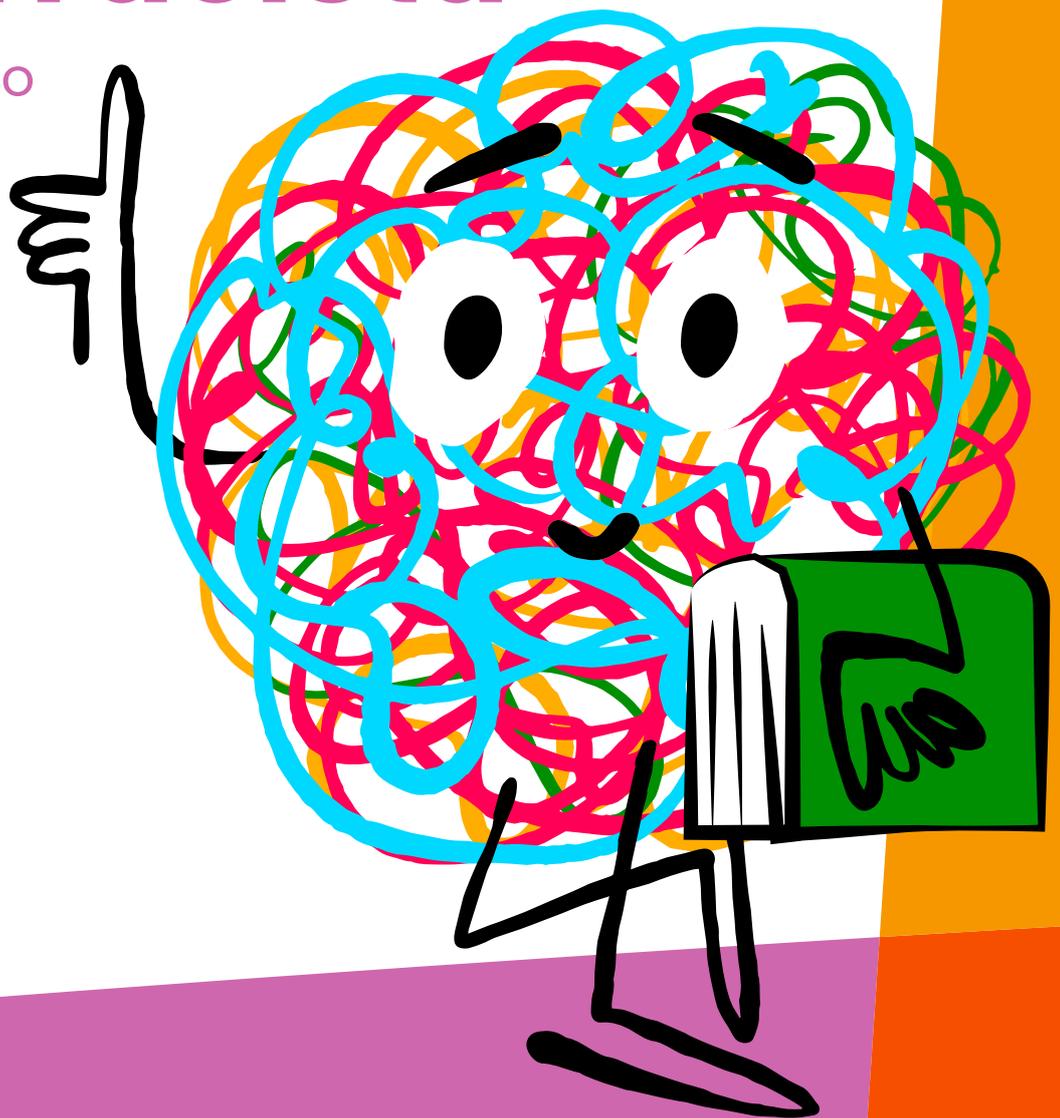


ame
sua
mente

na
escola

Por uma educação antirracista

Paulo Bueno



Racismo não é bullying

Observa-se, na atualidade, uma tendência a interpretar os mais variados episódios de violência entre estudantes como fenômenos de bullying. Se, por um lado, essa nomenclatura contribuiu para a visibilidade de cenas de perseguições e agressões, por outro, trouxe o risco de homogeneizar, sob o mesmo nome, situações essencialmente distintas.

Constatamos essa distinção quando abordamos a questão racial desde uma perspectiva relacional. Se nos ativermos apenas ao polo da pessoa que comete a agressão, teremos uma compreensão parcial. Tanto no bullying, uma forma de violência sistemática, como no racismo, há agressões, ofensas, humilhação e intimidação. Entretanto, quando deslocamos nossa análise ao outro polo, interrogando os efeitos do ato violento sobre a pessoa agredida, somos conduzidos a outros caminhos. A vítima de bullying é inferiorizada pelo agressor.

No ato racista, há algo que ultrapassa a inferiorização - seus efeitos são de desumanização¹.



¹ BRITO, Benilda; NASCIMENTO, Valdecir (Org.). Negras (in)confidências: Bullying, não. Isto é racismo. Mulheres negras contribuindo para as reflexões sobre a lei 10.639/03. Belo Horizonte: Mazza, 2013, p. 20.

Em uma de nossas experiências como acompanhantes terapêuticos² em uma escola particular da capital paulista, há cerca de cinco anos, testemunhamos um episódio bastante emblemático. Dois garotos de 11 anos, cursando o ensino fundamental, comparavam desenhos da Cleópatra feitos como tarefas de casa. O menino branco traçou uma Cleópatra de cor e feições negras, e o garoto negro esboçou uma Cleópatra branca. Ao perceber o contraste entre as duas imagens, um dos meninos disse “uma Cleópatra está toda bonitinha [apontando para a branca] e a outra parece um demônio [indicando a figura com traços negroides]”. **Quem disse isso foi o garoto negro.**

A escolarização da criança negra

O racismo demoniza e animaliza, ou seja, desumaniza o negro. Fanon nos deu valiosas coordenadas para o entendimento da inserção social da criança negra. O autor parte da tese de que a sociedade apresenta-se como ampliação de um determinado modelo de família, a saber, a família branca. Desse modo, uma criança branca, criada por sua família, não irá se deparar com grandes contradições no contato com as instituições sociais, dentre as quais, sabemos, a escola é a primeira.

Já a criança negra, com um desenvolvimento típico, em uma família que possa oferecer um ambiente suficientemente bom, encontrará diversos obstáculos no processo de escolarização, podendo ser tomada como uma criança de desenvolvimento atípico³.

² Acompanhamento terapêutico: modalidade de intervenção no campo da saúde mental, em que o profissional acompanha o paciente em suas atividades diárias, auxiliando-o a sustentar-se no laço social. Atualmente essa modalidade de intervenção vem sendo utilizada como parte do projeto de inclusão escolar de certos alunos com desenvolvimento atípico.

³ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu, 2020, pp. 157-159.

Isso acontece por ela estar fora do modelo de humano que é transmitido cotidianamente pelos veículos midiáticos, pela publicidade, revistas, livros infantis, livros de história e materiais didáticos. Desde o berço, a criança branca é advertida de que deve se proteger daqueles que, “de cara preta”, investem contra os pequeninos temerosos de caretas. As canções de ninar, bem como as cantigas de roda, participam da construção do imaginário e dos discursos racistas.

Os insultos racistas atualizam essa expulsão do sujeito negro do campo da humanidade. É comum que, dentre as ofensas mais frequentes, encontrem-se aquelas que comparam as pessoas negras a animais, monstros e outras figuras do bestiário. São ataques que aludem à constituição da imagem de uma criatura cujo desejo não seria atravessado e, conseqüentemente, limitado por um pacto social. Mais uma vez: o racismo desumaniza.

Mas o que confere humanidade a uma criança no contexto urbano, em nossa época? A escolarização. É criança aquela que está na escola. Desde Salamanca, esse é o lema:

Educação é para todos!

Para as meninas e meninos negros, entretanto, o simples fato de estarem inseridos no ambiente escolar não significa que sejam tomados como humanos. O racismo os retira da condição.



Racismo cotidiano

Uma pesquisa de campo importante, realizada em 2010, constatou uma forma de manifestação sutil do racismo na educação infantil. Docentes, sem dar-se conta, faziam uma distribuição desigual de gestos afetivos entre crianças negras e brancas. A categoria de análise escolhida pelas pesquisadoras foi a de paparicação. Ariès utilizou o termo para nomear o conjunto de atos de afeição que contribuiu para a demarcação do período a partir do qual formou-se a ideia moderna de infância⁴.

O levantamento de dados revelou que as crianças negras são menos paparicadas; docentes tendem a acolher, pegar no colo, elogiar a aparência e receber com beijos as crianças brancas com maior frequência⁵.

Por isso, é importante que a professora ou o professor, empenhado/a no estabelecimento de uma educação antirracista, perceba o próprio processo de racialização⁶. Quando afirmamos que o racismo é relacional, nossa atenção volta-se aos estudantes, mas é preciso que observemos também os professores. Para que possam exercer seu papel, é necessário que se questionem em sua prática.



⁴ ARIÈS, P. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981.

⁵ OLIVEIRA, F.; ABRAMOWICZ, A. Infância, raça e “paparicação”. In: Educação em revista, v. 26, no 02, pp. 209–226. Belo Horizonte: 2010, p 218.

⁶ Partimos da tese de que o racismo constrói lugares simbólicos. Ao longo da história biográfica, cada um irá se deparar de diferentes maneiras com o fato de que suas relações são atravessadas por esses lugares simbólicos. O termo “racialização” aponta para a ideia de que se trata de um processo, ao qual é preciso estar sempre atento para que se possa desenvolver uma prática antirracista. Se a raça não é biológica, racializar-se é um processo: torna-se branco e torna-se negro. Conferir: SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

Nem sempre as atitudes racistas são conscientes. Em grande parte das vezes, isso que Kilomba (2019)⁷ denomina como racismo cotidiano, infiltra-se, sorrateiramente, pela via do vocabulário, do discurso, das imagens, dos gestos, ações e olhares. Basta um lapso para que se deixe escapar palavras etimologicamente racistas, como “denegrir”, ou um pequeno deslize no planejamento para a ausência de figuras positivadas da pessoa negra, compondo o material didático.

Pela linguagem e pelas imagens, impõe-se o racismo cotidiano; mas também pelos olhares, gestos e ações que transmitem aos estudantes a expectativa que docentes têm a seu respeito. Ao não se apostar no potencial de uma criança negra, não elogiar suas produções e amplificar seus “erros”, o adulto provoca efeitos devastadores no percurso escolar dos discentes.

Embora não devamos atribuir aos professores toda a responsabilidade pela dinâmica no interior da sala de aula, eles certamente têm uma responsabilidade maior, proporcional a seu status, na formação da comunidade de aprendizagem⁸. Portanto, embora as manifestações de racismo cotidiano surjam de todas as partes, é razoável que do educador se espere posturas engajadas na desconstrução dessa forma de opressão. Para tanto, terá que questionar-se profundamente sobre sua posição racial. Um docente incapaz de valorizar aspectos da cultura e estética negra ou indígena não terá condições de desenvolver práticas, efetivamente, antirracistas.

7 KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, p. 76.

8 HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017, p. 18.



É preciso que nos questionemos sobre quais os modelos que deixamos à disposição das crianças nesse complexo processo de constituição de sua identidade. Para que uma criança negra veja um demônio na figura de uma mulher também negra, é preciso um longo período de exposição a imagens e discursos avassaladores sobre sua raça⁹.

Atualmente, há muitas produções relevantes que auxiliam docentes na proposta de uma educação antirracista: livros infantis que trazem ao protagonismo personagens negras não caricaturizadas; livros didáticos que tratam da história da África e da diáspora africana; caixas de lápis de cor com as mais variadas tonalidades da “cor da pele” (numa paleta que vai do bege ao marrom escuro) para substituir a ideia racista de que há um único tipo de tom para representar a “cor de pele”; artigos, cursos e palestras de excelência disponíveis na internet elaborados por eminentes profissionais negros.

Ainda que saibamos o descaso que sofrem educadores com extenuantes cargas laborais, insistimos na importância da formação, pois será levantada a questão se aqueles que não se engajam em um projeto de formação contínua poderão ainda se dizer educadores. Insistimos, perguntando se deverá ser chamada de educação aquela que não se compromete com a pauta antirracista.

Por fim, compreendemos que uma formação que mereça o adjetivo de antirracista pressupõe o questionamento constante à própria racialização e ao modo que ela se manifesta no cotidiano, e não se trata apenas de uma educação bancária¹⁰. Há que se implicar no processo de construção de uma educação antirracista.

⁹ A raça não deve ser compreendida como uma definição de bases biológicas, mas “como um elemento essencialmente político” (p. 31) In: ALMEIDA, S. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

¹⁰ A expressão foi cunhada por Paulo Freire. Através dessa expressão, Paulo Freire realiza uma crítica a um modelo de educação que se baseia numa lógica de pura transmissão de conteúdo, em que ao aprendente resta apenas “receber os depósitos, guardá-los e arquivá-los” (p. 62). Conferir: FREIRE, P. Educação “bancária” e educação libertadora. In: PATTO, M. H. S. (org). Introdução à psicologia escolar. São Paulo: Casa do psicólogo, 1997.

Créditos

Autor:

Paulo Bueno

Psicanalista, psicólogo (PUC-SP), mestre e doutor em Psicologia Social (PUC-SP). Pesquisador do Núcleo Psicanálise e Sociedade. Docente do Instituto Gerar de Psicanálise, Parentalidade e Perinatalidade. Colunista do Papo de Mãe/UOL.

Supervisão de conteúdo:

Ana Carolina D'Agostini

Psicóloga e pedagoga formada pela PUC-SP, especialista em Psicologia nos Cuidados da Saúde da Mulher pela Unifesp e mestre em Psicologia da Educação pela Columbia University. Autora do livro didático "Se Liga na Vida" (Editora Moderna, PNLD 2021), gerente editorial no Programa Semente e formadora e coordenadora de formações do Instituto Ame Sua Mente.

Realização

ame
sua
mente

na
escola

Apoio



instituto



Parceiros

